

A PEÇA TEATRAL “DIÁLOGOS DAS CARMELITAS” DE BERNANOS

José Raimundo Gomes da Cruz
Procurador de Justiça de São Paulo aposentado

Só consegui achar em francês *Dialogues des Carmélites* na Livraria Francesa, na Rua Barão de Itapetininga, Centro da Capital paulista (Ed. du Seuil, 1996). Preferia encontrar, como o texto histórico que lhe serviu de base, da autoria de Gertrud von le Fort, também em português (*A última do cadafalso*. Trad. Roberto Furquim. São Paulo : Quadrante, 1998). A capa daquele exibe cena do filme com a atriz Jeanne Moreau vestindo o antigo hábito da congregação.

O fanatismo dos revolucionários franceses, que se repetiria na Rússia e em suas filiais, em 1917 e nas décadas seguintes, mesmo quando se apresenta como esclarecido e progressista, excede toda espécie de intolerância. No Prólogo da peça, talvez o mais profundo sentimento de tudo isso: “Tudo vai mudar logo, vocês outros serão massacrados e nós trafegaremos nas suas carruagens.”

Os fanáticos, falando em nome da Lei e da Nação, invadiam mosteiros, com o pretexto de salvar possíveis pobres sequestradas indefesas. Proíbiam por decreto os votos dos religiosos. Saqueavam os conventos, danificando imagens e relíquias. Afinal, com o voto de pobreza, as religiosas (e os religiosos, nos seus mosteiros) renunciavam aos bens terrenos.

Havia no convento das Carmelitas, invadido e saqueado pelos terroristas de 1789, a imagem do “Pequeno Rei da Glória”. Para tais fanáticos, *o lugar era uma bastilha, não do despotismo, mas da superstição e da mentira, covil que eles destruiriam* (Bernanos, cit., p. 85). Durante a pilhagem, eles arrancaram o manto e a coroa da imagem, atirando-os fora.

Uma das freiras mais idosas se apressou no preparo de uma roupa bem pobre para o “Pequeno Rei da Glória” e disse à mais jovem, impedida de fazer seu voto religioso:

“Minha pequena irmã Blanche, você sabe que, na Noite de Natal, nós conduzimos nosso Pequeno Rei a cada cela. Eu espero que ele dê coragem a você.”

Noite de Natal. No corredor do Carmelo, todas as portas das celas abertas. A Priora e a Madre Maria da Encarnação acompanham as duas Irmãs levando tochas e apresentam o Pequeno Rei da Glória de cela em cela. Cada religiosa se ajoelha para receber a imagem, vestida com o novo traje pobre, coloca-a no chão e a venera. Em seguida, devolve-a à Priora que se ajoelha por sua vez. Quando a noviça Blanche se ajoelha e se inclina sobre a imagem, fica tomada de emoção. Estremece e deixa escapar o Pequeno Rei da Glória suja cabeça se quebra nas lajes. Blanche entra em pânico.

Na cela da Priora, Blanche reza a oração da “nossa Mãe Santa Teresa”, com a superiora. Mas escapa a intenção desta de “devolver Blanche ao mundo exterior”. A jovem noviça pertencia a família da nobreza.

Salto até a última cena de Bernanos, ajudado pela história de Le Fort, de que ele se valeu para sua peça:

Praça da Revolução. As Carmelitas descem da carroça ao pé da guilhotina. Na primeira fila da multidão compacta, reconhece-se, coberto do barrete frígio, o padre que murmura a absolvição, faz um furtivo sinal da cruz e desaparece rapidamente. Logo as Irmãs entoam o “Salve Regina”, depois o “Veni Creator”. Suas vozes são claras e bem firmes. A multidão, tocada, fica muda. Só se vê a base da guilhotina, onde as Irmãs sobem, uma a uma, cantando sempre. Mas, à medida que elas desaparecem o coro se faz menor. Mais de duas vozes, mais de uma. Mas nesse momento, partindo de um canto da grande praça, uma nova voz se levanta, mais nítida, mais decidida ainda que as outras, apesar de algo infantil. Vê-se avançar para a guilhotina, através da multidão que se afasta, a pequena Blanche de la Force. Seu rosto parece despojado de todo medo:

“Deo Patri sit gloria
Et Filio qui a mortuis
Surrexit ac Paraclito
In saeculorum saecula.”

Brusco movimento da multidão. Um grupo de mulheres cerca Blanche, empurrando-a para a guilhotina, onde ela se perde de vista. De repente sua voz se cala como aconteceu com uma a uma das vozes de suas irmãs.

A propósito dos padres de barrete frígio, Le Fort preferia lembrar que, “no primeiro semestre de 1791, a Igreja francesa se cindiu em duas: a dos ‘juramentados’, isto é, dos que tinham prestado o juramento, e a dos refratários... No início, os refratários foram tolerados pelo governo, ao passo que os juramentados foram unanimemente desprezados pelo povo” (ob. cit., pp. 35/36). Outros credos estranhos têm atraído simpatias de alguns sacerdotes, em tempos recentes.

Com a Cena XVII, do último ato da peça *Diálogos das Carmelitas*, há pouco transcrita, esta se encerra. Não convém esquecer que foram dezesseis as carmelitas martirizadas pelo fanatismo terrorista, dias antes do fim do terror.